



DISLEXIA E PRÁTICA DOCENTE: REFLEXÕES SOBRE AS EXPERIÊNCIAS E INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS DE PROFESSORAS NO CONTEXTO DO MUNICÍPIO DE GUARABIRA/PB

Yanna Luiza do Nascimento Rodrigues

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E AGRÁRIAS

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA

E-mail: yannapedagogia2009.1@hotmail.com

RESUMO: Este Trabalho de Conclusão de Curso teve como proposta conhecer e compreender o entendimento que as professoras de uma escola do município de Guarabira/ PB tinham sobre o transtorno de aprendizagem Dislexia. A pesquisa de tipo exploratória analisou os dados a partir da abordagem qualitativa. O questionário foi o principal instrumento de pesquisa. Do universo de cinco professoras que atuam no Ensino Fundamental da Escola pesquisada, três se disponibilizaram a participar desta investigação. As docentes pesquisadas indicaram que a Escola já promoveu formação continuada sobre o tema da inclusão, mas o fez de maneira superficial, não sendo suficiente para o desenvolvimento de uma prática pedagógica mais consciente e inclusiva. A dislexia como uma das dificuldades de aprendizagem não foi ainda assunto de nenhuma formação na Escola. Os dados coletados revelaram também que embora a dislexia seja um tema relativamente conhecido pelas docentes, estas não compreendem muito claramente o seu significado. Há muitas dúvidas e insegurança ao identificá-la nos discentes. O conhecimento por parte do educador sobre a dislexia é decisivo para uma ação pedagógica planejada, capaz de contribuir para que os discentes tenham um melhor desempenho a partir de um ensino adaptado às suas peculiaridades. Este conhecimento é indispensável para um trabalho educativo efetivamente inclusivo, que reconhece a educação como um direito de todos os cidadãos independente de suas diferenças e dificuldades de aprendizagem apresentadas.

Palavras- Chave: Inclusão e Diversidade Escolar. Dislexia. Prática Pedagógica. Formação Continuada.



INTRODUÇÃO

Para assegurar a oferta da educação aos sujeitos com necessidades especiais na escola regular e com dificuldades de aprendizagem, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96, dispõe no Art. 58º sobre a garantia do acesso, da permanência e da qualidade da educação desses sujeitos com o propósito de que a inclusão escolar de fato aconteça. Isto tem se tornado um desafio para as escolas e seus profissionais, especialmente os professores que precisam rever metodologias, recursos didáticos, etc.

Considerando esta realidade, desenvolvemos uma pesquisa de abordagem qualitativa, em uma Escola da Rede Municipal de Guarabira/ PB, cuja proposta era conhecer e compreender o conhecimento que as professoras tinham sobre a dislexia.

Entendemos que as docentes possuem um papel fundamental no trabalho com crianças disléxicas. O sucesso na aprendizagem dependerá também do cuidado em relação à leitura e das estratégias de ensino utilizadas.

Assim, a formação continuada dos educadores é condição para um conhecimento apropriado e específico sobre dislexia, de forma que evite ações pedagógicas que não respondam às necessidades de aprendizagem dos discentes disléxicos.

A escolha dessa temática teve origem durante o Curso de Pedagogia, mais precisamente durante o Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental I. Esta experiência inaugurou o contato com a sala de aula, como também proporcionou observações e questionamentos, em relação, às intervenções pedagógicas desenvolvidas pelas professoras, diante das dificuldades e necessidades de aprendizagem dos alunos. Durante o Estágio se observou que alguns alunos eram considerados disléxicos pelas docentes quando na verdade apresentavam estágios e processos de aquisição da leitura diferentes dos outros alunos da turma.



METODOLOGIA

A pesquisa ora apresentada é de abordagem qualitativa, uma vez que buscamos explorar a realidade investigada em seu meio natural como sua fonte direta de dados.

A pesquisa qualitativa, “Fundamenta-se em dados coligidos nas interações interpessoais, na co-participação das situações dos informantes, analisadas a partir da significação que estes dão aos seus atos. Assim, o pesquisador participa, compreende e interpreta as informações coletadas” (CHIZZOTTI, 1995, p. 52).

Os sujeitos da pesquisa foram àqueles que se disponibilizaram a participar do nosso trabalho. Assim, fizeram parte da investigação três docentes, duas oriundas dos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º e 3º anos) e a outra proveniente da sala de recursos multifuncionais. As educadoras, sujeitos da pesquisa tem faixa etária, entre 30 (trinta) a 40 (quarenta e cinco) anos, possuem formação superior e são especialistas na área da educação.

O principal instrumento de coleta de dados utilizado durante a pesquisa foi o questionário. Este se apresenta como instrumento de coleta de dados que “consiste em questões pré- elaboradas referentes ao tema da pesquisa com o objetivo de suscitar dos informantes respostas por escrito ou verbalmente sobre assunto que os informantes saibam opinar ou informar” (CHIZZOTTI, 1995, p, 55).

A escolha pelo questionário se deu porque ele foi o que melhor conseguiu se adequar ao processo da pesquisa. Isto porque iniciou- se a coleta de dados no final do ano letivo de 2012, período de muitas atividades nas escolas. Assim, para tentar conciliar a disponibilidade das professoras com os objetivos e cronograma da pesquisa, elaboramos inicialmente um questionário com perguntas abertas para que estas pudessem expressar suas compreensões sobre a dislexia e as possíveis intervenções pedagógicas desenvolvidas para ajudar aos discentes disléxicos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na visão de Mantoan (2003) [...] “a inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional”, atingindo não somente os alunos com deficiência, mas todos os demais com o objetivo de alcançarem sucesso em sua vida escolar [...].”

A dislexia é uma das maiores incidências no processo educativo inclusivo e merece toda atenção por parte dos gestores de política educacional, especialmente os de educação especial.

Na visão de Caracikii:

Dislexia é um distúrbio da palavra em pessoas normais de inteligência que apresentam labilidade afetiva, leve incoordenação motoras, deficiente capacidade de análise e síntese, transtorno na memória visual, no sentido direcional (orientação espacial e temporal). Problemas de dominância lateral, deficientes discriminações auditiva e visual, distúrbios no conhecimento de seu corpo (ritmo, espaço e tempo), cuja expressão encefalográfica é de disfunção cerebral mínima, sendo indicado método fônico (fonemas surdos e sonoros, simultaneamente, com apoio sinestésico, tátil, visual e auditivo) para sua alfabetização (CARACIKII, 1994, p. 45).

Imagina-se que a dislexia é uma falha na aprendizagem da leitura induzida por dificuldades na correlação entre símbolos gráficos, às vezes mal distinguidos, e fonemas, muitas vezes mal reconhecidos.

O diagnóstico da dislexia possui uma ampla e concreta definição clínica e neuropsicológica quanto transtorno reconhecido a partir do embasamento neurológico e genético marcado pela falha nas estruturas cerebrais encarregados pela manipulação da composição sonora das palavras e/ ou pela dificuldade na adaptação da reprodução gráfica em seu correspondente fonológico.

Empregando metodologias apropriadas de tratamento, a dislexia pode ser vencida.

Crianças disléxicas que tiveram tratamento desde cedo mostram uma menor dificuldade ao aprender a ler, evitando o atraso escolar ou contrariedade para estudar.

Os disléxicos, ao lerem, têm que se concentrar inteiramente na decodificação de palavras em vez de pensar na compreensão. Como reflexo dessa falta de fluência sua compreensão é comprometida, por isso os disléxicos recorrem frequentemente ao contexto e a sua bagagem de conhecimentos para expressar a sua compreensão.

O processo de leitura consiste em dois grandes componentes: a decodificação, que resulta no conhecimento imediato das palavras, e a compreensão, que está relacionada ao significado. Nas crianças disléxicas, uma falha do sistema de linguagem – no nível do módulo fonológico – prejudica apenas a decodificação. Todo o equipamento cognitivo, as capacidades intelectuais de ordens superiores necessárias à compreensão – vocabulário, sintaxe, discurso compreensão de texto e raciocínio – estão intactos (SHAYWITZ, 2006).

A imagem a seguir demonstra as regiões cerebrais de crianças ditas “normais” e disléxicas em relação a como se dar o processo de leitura.



Figura 1- Cérebro de um normo-leitor, em <http://www.dyslexia.com/science/>



Figura 2- Cérebro de um disléxico, em <http://www.dyslexia.com/science/>



Em sua maioria, os disléxicos expõem diversos déficits de aprendizagem como a percepção, motricidade, organização temporal e espacial, capacidade de globalização, domínio de esquema corporal, lateralidade, e também os distúrbios de atenção, memória e registro de símbolo.

A instituição escolar é responsável pela educação de todos os discentes independente dos problemas de aprendizagem que possam vir a apresentar. Perante a esse tipo de situação, é preciso diferenciar e oferecer aos alunos com dificuldades de aprendizagens, momentos de aprender, agir e interagir. Para que isso aconteça, sugerem-se mudanças significativas no processo de ensino-aprendizagem, que para se concretizarem é preciso que haja formação específica por parte do educador.

Se aposta numa postura docente que venha atender todas as especificidades de uma sala de aula, voltando seu olhar antes de tudo para uma atuação pedagógica que anuncie uma didática reflexiva e condizente com as necessidades dos alunos (as) no processo de ensino/aprendizagem.

Assim, pedimos para que as docentes analisassem as seguintes sentenças indicando se estavam certas ou erradas em relação às características da dislexia, conforme pode ser observado no quadro abaixo.

QUADRO 1

CARACTERÍSTICAS DO DISLÉXICO DE ACORDO COM OS PROFESSORES

CARACTERÍSTICAS	P1	P2	P3
Bom conhecimento de rimas	E ¹	E	E
Desatenção e dispersão	C ²	C	C
Facilidade para copiar do livro e do quadro	C	E	C
Dificuldade na coordenação motora fina	C	C	C
Facilidade na coordenação motora grossa	E	E	C
Confusão entre direita e esquerda	C	E	C
Vocabulário rico	E	E	E
Facilidade de memorizar instruções e recados	C	C	E
Grande desempenho em provas orais	E	C	E

Fonte: SEED (1998)

Algumas características indicadas acima podem aparecer em sujeitos disléxicos ou não, embora, nesse último muitas delas sejam mais evidentes e significativas. Ao analisarmos os instrumentos percebemos que algumas características da dislexia são mais conhecidas pelos docentes, o que facilita a identificação. Dentre essas características estão à **desatenção/**

¹ E: Refere-se à sentença do que as docentes acreditam não serem características dos disléxicos.

² C: Refere-se à sentença do que as docentes acreditam serem características dos disléxicos.



dispersão, que todas as professoras indicaram como uma característica do aluno disléxico. Elas também identificaram acertadamente que a criança disléxica tem dificuldade de **identificar as rimas**, ou seja, os sons iguais no final das palavras.

Não houve consenso entre as docentes em relação à questão da **cópia do quadro ou do livro** pelo discente. Apenas a professora P2 identificou como errada esta sentença. De fato o disléxico tem bastante dificuldade para copiar, esta é uma atividade que exige concentração e noção de sequência, características não identificadas em um sujeito disléxico.

As docentes identificaram a **coordenação motora fina** como uma dificuldade do disléxico. De fato, este sujeito tem dificuldade para pintar, cortar, desenhar etc., mas, também possuem dificuldades para dançar, correr, exercitar-se, atividades que exigem uma boa **coordenação motora grossa**. Assim, equivocadamente, a Professora P3, indicou a coordenação motora grossa como não sendo uma dificuldade própria do sujeito disléxico.

A lateralidade também é uma característica importante da dislexia, identificada pelas professoras P1 e P3. De fato o disléxico tem dificuldade para identificar **direita e esquerda**, o que torna difícil a percepção do espaço.

Todas as professoras indicaram que não é uma característica do disléxico ter um **bom vocabulário**. De fato, é recorrente que o sujeito apresente sentenças curtas e imaturas e/ ou sentenças longas e sem sentido, tanto na fala quanto na escrita.

Apenas a professora P3 identificou corretamente que o disléxico não tem facilidade para **memorizar instruções e recados**, isto acontece geralmente porque existe uma dificuldade na memória de curto prazo, em guardar fatos e acontecimentos atuais e geralmente os recados e instruções ocorrem em situações de um passado recente.

Os alunos disléxicos **têm um bom desempenho em avaliações orais**, especialmente quando se torna um adulto cujo trabalho pedagógico durante a sua idade escolar foi bem desenvolvido. Apenas a professora P2 identificou a referida característica.

Quando perguntamos que atividades são desenvolvidas pelas professoras junto aos



discentes com dislexia, elas indicaram praticamente as mesmas ações pedagógicas, embora não tenham especificado em que situações são realizadas: contação de história, produção de texto, jogos de leitura e de memória, expressão oral e dramatização. As atividades indicadas podem sim, favorecer a superação destas dificuldades, desde que atenda as necessidades específicas de cada sujeito, e assim, sejam devidamente planejadas, com objetivos bem definidos.

Os desafios dos professores são inúmeros no cotidiano de sua prática pedagógica. Isto exige deste profissional disposição para aprender de maneira contínua. Diante de diferentes necessidades educativas dos discentes, dentre elas a dislexia, o professor necessita saber identificar os alunos que tem este transtorno e de que maneira poderá planejar atividades que respondam satisfatoriamente a construção do conhecimento pelo disléxico apesar de suas limitações evidentes.

Nota-se que o educador precisa estar preparado e aberto a aprender sempre, a partir dos processos de comunicação e de formação. A valorização do modo investigativo contínuo, baseada em suposições pedagógicas, éticas e políticas por parte dos docentes, conectada ao pacto de transformação qualitativa do projeto político pedagógico da escola, favorece o plano de uma educação para todos, sendo a formação continuada indispensável nesse processo, especialmente quando esta é uma das prioridades e entendimento da instituição de ensino.



CONCLUSÃO

A proposta desta pesquisa foi conhecer e compreender como os professores sujeitos da investigação viam a Dislexia e quais são os vários desafios que esse transtorno de aprendizagem traz consigo.

A pesquisa revelou que o termo dislexia é conhecido pelas docentes, embora apresentem certa dificuldade para compreendê-la, defini-la. Percebemos pouca segurança das educadoras ao apontar as características que são próprias da dislexia. Isto fica evidente em suas respostas que são, muitas vezes, vagas e confusas, o que favorece a intervenções pedagógicas pouco significativas e/ ou não direcionadas conscientemente aos disléxicos, quando identificados.

Entendemos que o discente disléxico deve ser percebido na escola pelo olhar do acolhimento, ou seja, não deve figurar no contexto da sala de aula apenas numa perspectiva de integração, mas, sobretudo de inclusão. As atividades no cotidiano da sala de aula devem corresponder às necessidades de aprendizagem destes sujeitos, muitas vezes, avaliados como incapazes, indisciplinados etc.

Ao aplicarmos os questionários, percebíamos que estávamos ao mesmo tempo provocando nas professoras algumas inquietações em relação aos seus conhecimentos sobre a dislexia, uma maior curiosidade e vontade de aprender mais sobre o assunto.



As análises revelaram ainda, que a Escola campo de pesquisa não apresenta como uma de suas prioridades a formação continuada dos professores. Infelizmente a formação continuada fica sob a responsabilidade apenas do professor e não de toda a Escola, reforçando assim, ações isoladas e fragmentadas nas salas de aula.

O trabalho junto ao dislético exige uma equipe multidisciplinar, composta de pedagogo, psicólogo, fonoaudiólogo, neurologistas, para que a partir do diagnóstico especializado, sejam planejadas ações coletivas e articuladas no contexto familiar e da escola.

O conhecimento por parte do educador sobre as dificuldades de aprendizagem específicas, dentre elas a dislexia é decisivo para que os alunos possam ter um desempenho melhor, a partir de um ensino adaptado às suas peculiaridades. É importante que a temática da dislexia seja reconhecida pelos governantes, para que, no âmbito das políticas inclusivas sejam promovidas formações continuadas para que os profissionais estejam preparados para identificar a dislexia e desenvolver ações educativas que os ajudem a prender e a superar suas dificuldades.

Esperamos que esta pesquisa possa contribuir de alguma forma para um melhor conhecimento dos docentes sobre a dislexia e assim desenvolverem suas ações pedagógicas de maneira mais criativa e eficiente junto às crianças disléticas, uma vez que os sujeitos da pesquisa terão acesso ao material analisado.

É preciso que cada vez mais os estudiosos da educação se dediquem as pesquisas, não exclusivamente, sobre a dislexia, mas as diversas dificuldades de aprendizagem para que os resultados de suas investigações sejam cada vez mais conhecidos pelos docentes. Vale salientar também, que o trabalho junto à dislexia deve ser coletivo e de parceria, entre família, escola e demais profissionais.

Concluimos diante das falas das educadoras e da finalização deste trabalho, que a dislexia tem sido um tema muito difícil a ser tratado nas escolas, já que o corpo docente alega não ter formação inclusiva para o trabalho com esses alunos e, conseqüentemente, não se



encontram preparados. Por sua vez, os educandos se sentem desmotivados para a aprendizagem, pois, por mais que se esforcem não apresentam melhoras e progressos relevantes na aprendizagem, o que os exclui do processo educativo.

O trabalho educativo numa perspectiva inclusiva reconhece a educação como um direito de todos os cidadãos independente de suas diferenças e dificuldades de aprendizagem apresentadas.

REFERÊNCIAS

CARACIKI, Abigail Muniz. **Pré- dislexia e dislexia**. Editora Enelivros, 1994.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1995.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

SHAYWITZ, Sally. **Entendendo a dislexia**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

